

Macunaíma, Gabriela, Macabéa, João Grilo e Foucault: à propósito da literatura como estética da existência

Flávio José de Carvalho *
Tarciano Silva Batista **

Resumen

El objetivo principal de este artículo consiste en pensar la literatura brasileña en relación con la estética de la existencia. En vista de este objetivo se analizaron cuatro obras de la literatura brasileña: Macunaíma: um herói sem caráter, por Mario Andrade; Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade, por Jorge Amado; A hora da estrela, por Clarice Lispector; O Auto da Compadecida, por Ariano Suassuna. Estas obras fueron confrontadas con el discurso de Michel Foucault teniendo en cuenta el ser humano y el problema de su propia constitución. Por lo tanto, se reflexiona a partir de las prácticas de libertad de los contra-discursos, de la escritura de sí mismo, entre otros elementos que aparecen en la escritura literaria, como se puede reconocer un modo de vida creativo y que ofrece resistencia a las diversas formas de control y dominación. Comprendemos la escritura literaria como una manifestación de prácticas de sí mismo.

Palabras clave

Literatura; Estética de la existencia; Foucault.

Abstract

This article intends to think about Brazilian literature in relation to the aesthetics of existence. In view of this objective, we analyze four works of Brazilian literature: Macunaíma: um herói sem caráter by Mario Andrade; Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade by

* Doutor em Filosofia, Professor do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia da UFCG/UFPR, e-mail: flavio.carvalho@ufcg.edu.br

** Estudante do Programa de Pós-graduação Mestrado em Filosofia da UFPB, e-mail: tarciano@hotmail.com

Jorge Amado; A hora da estrela by Clarice Lispector; O Auto da Compadecida by Ariano Suassuna. These works were confronted with the Michel Foucault's discourse by thinking the human being and the problem of constitution of itself. Thus, we reflect how, based on practices of freedom, on counter-speech, on self-writing, and other elements that appear in literary writing, we can recognize a creative way of life which it offers resistance to the various forms of control and domination. We understand literary writing as manifestation of practices of oneself.

Key-words

Literature; Aesthetics of existence; Foucault.

Neste trabalho assumimos as compreensões foucaultianas de subjetivação, de estética da existência e sob sua tutela levantamos o problema acerca da possibilidade de reconhecemos no discurso literário brasileiro a manifestação do que Foucault chama de estética da existência dentro do recorte que realizamos entre os autores contemporâneos. Ora, nossa hipótese constitui-se da afirmação de que o discurso literário comporta as condições para a manifestação de posicionamentos políticos, existenciais, morais aos vinculamos a formulação de um discurso propositivo, criativo, sobre a realidade e sobre a existência, ao que denominamos junto com Foucault de estética da existência.

Vários pensadores, ao longo da história da tradição filosófica ocidental, dedicaram seu filosofar à análise de textos de outros pensadores, assim, para uma grande maioria destes intelectuais, filosofar diz respeito a fazer interpretações dos escritos de outros filósofos e o texto filosófico sempre teve a primazia e exclusividade nesta atividade interpretativa. Julio Cabrera desenvolve a compreensão de que há outras linguagens que podem ser o ponto de partida para a construção de pensamentos e que podem resultar em diálogos filosóficos. Desse modo, fez do cinema seu objeto de investigação e análise. Segundo o autor, as imagens que são passadas ao espectador, fazem com que ele desenvolva seus mecanismos compreensivos, para além do apenas “ficar pensando sobre o filme”. Ele pensa com o cinema, pois o cinema pensa.

De modo que é possível, encontrarmos na criação oriunda do cinema o elemento que este filósofo denominou de conceitos-imagem. Cabrera afirma¹ que o cinema, e reconhecemos que analogamente a literatura, é uma experiência aberta, algo que está em constante fluxo e que desvia-se das regras que possam limitar as formas discursivas. Nesse sentido, olhamos para a linguagem literária não como algo pronto e já determinado, mas como linguagem que se caracteriza como um devir, um movimento. Os conceitos-imagem são construções que podem se relacionar com os conceitos filosóficos, assim, nos apropriarmos da literatura, considerando-a como forma de pensamento e de construção de compreensões acerca da realidade.

Em outras palavras, temos que os conceitos-imagem são encaminhamentos, “[...] um pôr-se a caminho em uma determinada direção compreensiva, para onde aponta esta caracterização, mas sem querer fechá-la nem traçá-la completamente”², tanto quanto a Filosofia, eles incitam a observação mais aguda da realidade e, ao mesmo tempo, com um caráter de abertura compreensiva. O filme não é apenas um mostrar icônico “objetivo”, mas uma abertura a várias interpretações e olhares sobre a realidade e a existência. O filme, assim como uma obra literária pode comportar inúmeros conceitos imagéticos; uma fala do personagem, uma narrativa de um acontecimento, a descrição de um lugar, um elemento cromático, um movimento temporal, e mesmo a obra em sua totalidade, podem ser vistos como conceito-imagem.

Diante do exposto, a perspectiva que adotamos para construir nossas discussões se dá nesta relação entre o discurso literário e o discurso filosófico. Objetivamos entrar no território literário (no sentido de compreendermos a obra literária), descobrir seus lugares (as imagens trazidas pelo autor) e confrontá-los com o território filosófico (dialogar com o pensamento de Foucault), reconhecendo novamente com Cabrera que as imagens trazidas nas obras literárias são tão elaboradas seletivamente quanto as proposições filosóficas, uma vez que em ambas, há uma afirmação-negação de algo, um contraste de significações, bem como selecionam e também excluem ideias.

Cumpre-nos esclarecer que construiremos nossa discussão tomando, no horizonte da obra literária analisada, o personagem protagonista de cada obra, não obstante, eventualmente, pensarmos sobre o autor, sobre o contexto social e histórico

¹ CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006, p. 19.

² CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006, p. 21.

que a obra está inserida, sobre as suas características linguísticas ou quaisquer outras características das obras.

Outro ponto que merece destaque diz respeito ao reconhecimento que cada obra literária carrega uma forma diferente de se apresentar. Nós não buscamos uma unidade entre elas ou uma universalidade, ou uma verdade objetiva. Pelo contrário, aceitamos o fato de que para cada obra há conceitos-imagem diferentes que podem surgir independente do estilo literário adotado pelo autor.

Quanto ao nosso referencial filosófico com o qual faremos dialogar as imagens literárias, como já indicado, utilizaremos o pensamento do filósofo Michel Foucault. Sobre esse ponto, cabe ressaltarmos que nos ocuparemos com os textos do terceiro Foucault, como alguns identificam, isto é, as obras publicadas a partir do final da década de 70 do século XX, mais especificamente os textos que versam sobre as práticas de si e da liberdade, da estética da existência, e outros elementos que vamos trazer ao longo desse trabalho. Reconhecemos, todavia, que a literatura propriamente não ocupa lugar considerável nesta etapa do pensamento foucaultiano, não havendo nesse momento de sua vida, grandes referências à literatura, ao contrário das abordagens realizadas em outros trabalhos, a saber, *A História da Loucura (1961)*, *As Palavras e as Coisas (1966)*, entre outros que podemos encontrar abordagem mais direta sobre a literatura propriamente dita. Inclusive temos conhecimento do texto escrito pelo próprio autor, com título de *Linguagem e Literatura (1964)*, o qual Foucault define a literatura como a distância aberta no interior da linguagem, uma transgressão do ser da linguagem. Assim como, temos conhecimento do trabalho desenvolvido por Roberto Machado em seu livro *Foucault, a filosofia e a literatura (2000)*. Contudo, mesmo sabendo que Foucault não faz muitas referências sobre obras literárias, partimos para análise de seus escritos derradeiros em vista de nos apropriarmos de conceitos e desenvolvermos nossas teias argumentativas de relação com a literatura e a estética da existência.

Nesse sentido, compreendemos que cada personagem manifesta um modo de ser de uma estética da existência, como veremos mais a frente. Com isso queremos dizer que cada personagem constitui o seu próprio modo de existir e de criar sua realidade. Assim, as obras literárias selecionadas, embora distintas, convergem para o mesmo conceito-imagem, isto é, elas versam sobre as formas discursivas e os modos de ser dos indivíduos que assumem suas próprias existências.

Para Foucault, não há o poder em si mesmo, centralizado no Estado, em um indivíduo ou uma instituição, ele se dá por meio de relações múltiplas e capilares em toda

a trama social. Com isso, o autor afirma que é preciso construir sua existência de modo que não sejamos mais um simples objeto de dominação e manipulação. Pois, não havendo a dominação total do outro, ou seja, a privação da liberdade do indivíduo, reconhece-se a oportunidade para a criação e o desenvolvimento de práticas de liberdade, igualmente múltiplas e capilares na constituição da realidade individual e social.

Assim, compreendemos que dialogar com as obras literárias, ou seja, criar relações entre os conceitos-imagem que trazem os personagens literários e os conceitos-ideia desenvolvidos por Foucault é uma forma de resistir (no sentido de ir de encontro a, de provocar deslocamentos) aos dispositivos de repressão. Quando observamos a luta de um povo colonizado contra o seu colonizador, ou quando observamos as mulheres que lutam contra as formas de dominação masculina, ou a comunidade LGBTQIT protestando contra as homofobias e ódios congêneres, podemos reconhecer manifestações de indivíduos e suas práticas de liberdade.

Convém mencionar que o filósofo diferencia os processos de liberação e as práticas de liberdade. Os processos de liberação, tais como as inúmeras revoluções da história da humanidade, como a Revolução Francesa, as revoluções liberais, devem ser tratadas com certa precaução. Primeiramente, por que corremos o risco de adotarmos a ideia de que existe uma essencialidade humana ou uma natureza humana que ao longo de inúmeros processos históricos, econômicos e sociais, foi mascarada, alienada ou aprisionada³ e que agora é necessário resgatá-la. Não há nada a ser descoberto, ou ser trazido à tona ou de volta, as práticas de liberdade existem nas relações de poder, em diversos setores da nossa sociedade, seja no âmbito familiar, nas instituições escolares, nas prisões, etc.

As práticas de liberdade representam movimentos de compreensão e construção da realidade que são realizados pelo indivíduo que se reconhece ator e autor de sua existência. Sob esta perspectiva abordaremos as obras literárias, pois constituem espaços de abertura, como um exercício de si executado pelos personagens sobre si mesmos, por meio do qual cada um busca elaborar, se transformar e atingir certo modo de existir frente a sociedade vigente. Então, a estética da existência constitui-se como modo de resistir às regras de conduta hegemônicas, que tendem limitar ou obstruir o indivíduo na experiência inerente às práticas de liberdade. Pensar a literatura como estética da

³ FOUCAULT, Michel. «A Ética do Cuidado de Si». In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos v. V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014, p. 259.

existência, portanto, pressupõe o reconhecimento que na escrita da literatura há lugar para práticas de liberdade, e nós nos ocuparemos em pensar filosoficamente esta condição por meio das relações construídas entre os conceitos-imagem e os conceitos-ideia.

Para que isso seja possível será necessário olhar para as microrrelações que são construídas nos jogos de poder das obras literárias analisadas, abordar cada personagem que se encontra nesse jogo e constitui um tipo de relação ou mesmo condição de possibilidade para resistir às formas hegemônicas de controles e de disciplinas. Como veremos, eles provocam uma ruptura a partir das suas características singulares, dos cenários construídos ao seu redor e, sobretudo, pelo seu modo de viver e de praticar sua liberdade de escolha, que a nosso ver, constituem um conceito-imagem. Sob essa ótica analisaremos os quatro personagens protagonistas das quatro obras selecionadas, e a eles associaremos um elemento específico, que figurará como conceito-imagem, os quais articulados em conjunto acabam por definir nossa proposta de pensarmos a literatura como estética da existência. Desse modo, a Macunaíma associamos os contradiscursos, à Gabriela as práticas de liberdade, à Macabéa a escrita de si e o alter ego, a João Grilo as heterotopias e o ser autor de si.

Sobre Macunaíma e os contradiscursos

Pois bem, adentrando nos universos literários, começaremos pela obra *Macunaíma: um Herói sem caráter* de Mario de Andrade⁴. A nosso ver, a principal característica do personagem encontra-se logo na primeira parte do primeiro capítulo da rapsódia, pois Andrade afirma que o “herói sem caráter” nasce, tem dois irmãos chamados Manaapé e Jiguê e desde sua infância ele demonstra ser muito preguiçoso, as primeiras palavras que afirma são “ai, que preguiça!”⁵.

Isso demonstra que Macunaíma não é um indivíduo preocupado com o trabalho, a obra questiona a compreensão de homem da modernidade que se vincula ao trabalho. O personagem também não é um ser preocupado em desenvolver uma racionalidade

⁴ Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em 1893 na cidade de São Paulo, onde veio a falecer em 1945. Desde a infância estudou música, o que, mais tarde, o levou a lecionar piano em aulas particulares, atuando também como professor de História da Música no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. A obra *Macunaíma: um herói sem caráter* foi escrita em 1928 e é um dos grandes clássicos do modernismo brasileiro. Nessa obra o autor utiliza os mitos indígenas, as lendas, provérbios do povo brasileiro e registra alguns aspectos do folclore do país até então pouco conhecidos.

⁵ ANDRADE, Mario de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2013, p. 13.

precoce ou exacerbada, ele só aprende a falar depois dos seis anos e ao longo do livro não demonstra esforços para construir elucubrações ou previsões, ele vivencia cada situação da maneira mais inusitada possível.

Consideramos que a expressão do herói, “ai, que preguiça!” é um contradiscurso aos emblemas da modernidade, isto é um dos pontos que caracterizam sua estética da existência, uma vez que toda existência que resiste a determinados modos de vida é uma forma de ser única e criativa. Lembramos que a marca da modernidade, industrial e capitalista sobretudo, é a crença no trabalho e no progresso como elementos constitutivos da vida humana, Macunaíma na oposição (e resistência) se mostra como o símbolo da preguiça, do ócio, do viver sem nenhum motivo. Como afirma Foucault, “a ociosidade em uma sociedade tão atarefada quanto a nossa é como um desvio”⁶.

No decorrer do segundo capítulo encontramos uma segunda prática discursiva problematizadora, desta vez ligada à mitologia e, por conseguinte à religiosidade. Tudo começa com a narrativa em torno da precária situação na qual se encontrava a família de Macunaíma. Observamos que embora tenha mandado seus irmãos atrás do timbó para adquirir comida, nada fez Macunaíma, disfarçou como sempre enquanto o tempo passava. O fato é que Macunaíma sabia onde podia encontrar alimentação, mas não disse nada a seus irmãos, porém, no outro dia, não aguentou de fome e levou sua mãe ao local onde se encontrava uma grande variedade de frutas. Mas, ao ver que sua mãe ia levar comida para seus irmãos, Macunaíma a tirou de lá. A mãe ficou com tanta raiva de Macunaíma que o deixou sozinho num lugar distante na floresta, onde encontra o curupira e mais uma vez demonstra ser autônomo frente os mitos.

De acordo com a lenda, o Curupira habita as matas brasileiras. Ele possui uma estatura baixa, cabelos avermelhados (cor de fogo) e seus pés são voltados para trás para enganar seus perseguidores. Este pequeno índio é forte e muito esperto, porém, não mais que Macunaíma. O Curupira vê que Macunaíma não é mais um curumim (criança) e pretende comê-lo, mas o personagem de Andrade engana o ser mitológico na capoeira (no mato), lugar no qual, segundo a lenda, o curupira seria mais forte. O curupira alimenta Macunaíma com um pedaço de carne e ensina um caminho para voltar a sua aldeia, porém Macunaíma segue outro caminho e se livra do pedaço de carne que era como uma espécie de localizador utilizado pelo Curupira para controlar suas vítimas. Macunaíma despista-o e debocha do acontecido.

⁶ FOUCAULT, Michel. *O Corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo, N-1 Edições, 2013, p.22.

Mais uma ação do herói que demonstra sua habilidade e não submissão a nenhuma forma de dominação, pois segundo essa imagem literária, mesmo que em seu interior se encontre algo que pode ser usado como uma espécie de localizador, ele sabe desdobrar o ocorrido, manipular e criar seu próprio destino ao passo que prática demonstra sua liberdade de existir.

Assim, mais uma vez, reconhecemos que com suas ações Macunaíma constrói suas práticas discursivas que ele cria sua verdade e não fortalece uma que já esta estabelecida. Se a prática que acabamos de ver estava ligada a questão mitológica, agora trazemos uma relacionada ao tempo.

Várias formas discursivas que se pretendem hegemônicas, tanto da psicologia como da filosofia, afirmam que o ser humano constitui-se num processo de desenvolvimento biológico que começa nos primeiros anos de sua vida e segue linearmente uma escala de progressão. Porém, Macunaíma não segue essa lógica. Isto é, o tempo em Macunaíma não é absoluto, nem tão pouco um fator determinante. Primeiramente, por que a normativa do jogo das práticas do personagem carrega uma forma cinematográfica, não sequencial e linear, mais rápido e a partir da junção de diversas imagens. A forma como o autor escreve o texto, faz com que os acontecimentos ocorram repentinamente, como às imagens que eram passadas nas telas dos primeiros filmes do século XX. As palavras vão surgindo na narrativa Andradina de modo frenético e surpreendente, surgindo e desaparecendo.

Senão vejamos, Macunaíma nasce e logo depois já não é mais criança, se encontra como adulto, sabe ler, sabe conviver com os outros, se adapta aos vários meios no qual se encontra, sejam eles na floresta ou na cidade, viaja e percorre todo o Brasil sem nunca ter tido um ensinamento. Não há barreiras de espaço e de tempo, tudo acontece emergencialmente, num mesmo capítulo, ele se transforma em vários personagens, como também se transporta para diversos cenários do território brasileiro. Ele rompe com o tempo linear, bem como com as limitações espaço-temporais.

Por fim, diante do exposto, destacamos que Foucault⁷ afirma que em todos os campos de atividade humana, seja no trabalho, na sexualidade, na linguagem, nas atividades lúdicas, prevaleceu a dominação de um discurso sobre outro, geralmente um discurso hegemônico e os outros discursos, sendo que os contradiscursos, como os de

⁷ FOUCAULT, Michel. «Loucura, Literatura, Sociedade». In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos v. I: problematização do sujeito*. Trad. Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio Janeiro, Forense Universitária, 2011, p. 259.

Macunaíma, foram tomados como o discurso do louco, banido dos padrões e das formas que são eleitas como verdadeira. A nossa resistência a esse fato, está em considerar a multiplicidade discursiva e poder vivenciar determinadas situações de forma criativa. De modo que possamos fazer da nossa vida uma obra de arte, manipulando seus mitos, suas tradições, suas imposições, e vivendo a partir de si, da sua própria constituição.

Sobre Gabriela e as práticas de liberdade

Pensando em trazer mais um conceito imagético para enriquecer nosso debate, passaremos agora para obra *Gabriela, cravo e canela* de Jorge Amado⁸. Compreendemos que a personagem do autor coloca-se, de certo modo, e nesse contexto, contra algumas práticas que determinavam o papel da mulher na sociedade brasileira de então. De modo que o conceito imagético trazido pelo autor, parte de outra perspectiva, diferentemente de Macunaíma, mas que carrega também a característica de resistir às formas hegemônicas presentes nas sociedades.

Podemos começar a pensar como a estética da existência se manifesta nesta obra, entendendo como o modo de vida e ocupação si mesma da personagem Gabriela vão de encontro ao padrão feminino imposto a todas as mulheres. Entretanto, isso também significa dizer que não objetivamos fazer de Gabriela um critério da verdade e de utilidade prática a ser seguida por todas as mulheres. Antes, se trata de reconhecer que os discursos que permeiam as práticas sociais de uma sociedade devem ser continuamente revistos a partir de novos olhares.

Ora, percorrer esse campo literário de múltiplas perspectivas possibilita ampliar as possibilidades de pensarmos a ética, uma ética ligada a uma estética da existência, uma moral que não se limite a um código de regras, um comportamento que se crie na medida em que se liberte das amarras do social e dos discursos que tendem a ser hegemônicas. Trata-se de ler o mundo de uma forma diferente que não aquela já dada e imposta por mecanismos de poder disciplinar.

Abordando, destarte, a obra temos a primeira aparição da personagem Gabriela na obra que acontece “em meio à poeira dos caminhos da caatinga” e ela “vestida de

⁸ Jorge Leal Amado de Farias nasceu a 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, no distrito de Ferradas, município de Itabuna, sul do Estado da Bahia e faleceu em 8 de Agosto de 2001 (88 anos). Amado foi um das grandes escritores brasileiros do século XX, tendo publicado *Gabriela, cravo e canela* em 1958, considerada uma de suas principais obras literárias.

trapos miseráveis, com tamanha sujeira”, tanto quanto sua voz ela surge tomando decisões próprias e seguras das suas próprias escolhas. Gabriela encontra-se a margem da sociedade, com isso entendamos que ela não é como as outras mulheres da obra, como as cozinheiras, as mulheres casadas, as solteiras que esperavam um belo marido, ou ainda, como o próprio autor afirma Gabriela “parecia uma demente perdida nos caminhos”, mesmo assim podemos perceber a força de uma mulher que tenta se afirmar a si mesma e não deixa de ser quem ela mesma deseja ser⁹.

Mesmo à margem, Gabriela é senhora de si mesma. Ela conhecia a beleza que possuía independente dos “seus cabelos desgrenhados, imundos de pó e pés descalços”. Ela era, acima de tudo; ela mesma. No caminho à cidade de Ilhéus, um moço chamado Clemente se apaixona por Gabriela. Ele não era tão seguro de si como ela, estando preso às amarras do social e a ideia de que o homem tinha que dominar a mulher.

Clemente queria ganhar muito dinheiro plantando cacau, ele insistiu várias vezes para que Gabriela o seguisse para a mata e realizar seus sonhos. O que percebemos aqui são os prazeres do masculino testados e negados, um sobressalto e uma afirmação do feminino, principalmente quando Clemente vê que Gabriela não somente o rejeita, mas assume a sua condição de mulher livre, seu destino incerto e não se sujeita aos desejos do outro. Gabriela assumia o controle dela mesma.

A personagem não tinha família, “ela vinha com um tio, acabado e doente, sacudido o tempo todo pela tosse” que não resistiu e logo faleceu. Por não ter mais parentes, ser pobre, suja, e todos os outros atributos que a classificariam como qualquer coisa exceto uma mulher da sociedade, Clemente quis se aproveitar. Nas palavras do autor: “Clemente tocava Gabriela, mas não se atrevia a dirigir-lhe a palavra. Foi ela quem veio, certa noite, com seu passo de dança e seus olhos de inocência, para junto dele puxar conversa”¹⁰. Gabriela, num estilo singular de liberdade, escolhe o que convém a si mesma. Não num ato individualista, mas numa apropriação de si. Essa imagem demonstra, entre outras coisas, que é possível ver posicionamentos, até simples, mas nunca simplórios, e atitudes contra os códigos de regras que tendem a guiar as escolhas e o modo de vidas das pessoas.

⁹ AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, p. 76.

¹⁰ AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, p. 77.

Em outras palavras, podemos dizer que em meio à repressão e à imposição, o autor apresenta, nesse primeiro tanto quanto em vários momentos do livro, a possibilidade de se realizar uma escolha pessoal, livre, e própria da existência da personagem. Uma escolha que veio dela mesma, pois Gabriela decidiu ir até Clemente, como também ela quem escolheu chegar até Nacib.

A obediência aparece como um problema importante na trama da obra, Gabriela investe continuamente contra as regulações sociais hegemônicas. Neste momento, destacamos que para Foucault, desde a antiguidade a vida da maioria das pessoas se vê atrelada a algo maior que elas mesmas. Seja pelo bem comum dos cidadãos e da cidade, como na antiguidade, seja por influência da Igreja no período Medieval, a obediência a um código de regras e de normas fazia com que os indivíduos e determinados grupos sociais agissem de determinado modo. Esse algo maior se extinguiu, sendo necessário outra postura como problematiza Foucault:

Da antiguidade ao cristianismo, passa-se de um moral que era essencialmente a busca de uma ética pessoal para uma moral como obediência a um sistema de regras. Se me interessei pela Antiguidade foi porque, por toda uma série de razões, a ideia de uma moral como obediência a um código de regras está desaparecendo, já desapareceu. E a esta ausência de moral corresponde, deve corresponder uma busca que é de uma estética da existência¹¹.

Em vista disso, podemos nos perguntar até que ponto que Gabriela, na tentativa de dominar a si mesma, consegue cuidar de si e encontra-se negligenciando determinadas regras? E, por outro lado, aqueles homens, como Clemente e depois Nacib, que são apresentados na obra literária como inseguros e que só conseguem pensar nos seus planos futuros de riquezas materiais e conquistas, não criam também suas existências? Se pensarmos as respostas com Foucault¹², veremos que “o sujeito se constitui através das práticas de sujeição, ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de libertação, de liberdade”.

Nesse sentido, Gabriela pratica sua liberdade nas escolhas que realiza e nas suas atitudes. Por outro lado, Nacib e Clemente, como também vários outros personagens

¹¹ FOUCAULT, Michel. «Uma estética da existência». In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos v. V: Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014, p. 283.

¹² FOUCAULT, Michel. «Uma estética da existência». In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos v. V: Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014, p. 284.

não criam suas existências como a personagem, pois, eles se tornam, cada vez mais, escravos dos seus próprios desejos que têm sua vinculação nos padrões sociais e de poder.

Gabriela faz da sua vida uma estética da existência, quando, por meio do exercício da liberdade, e de práticas de libertação, ela consegue criar suas próprias rotas de fugas para as inúmeras de regras, mecanismos e convenções de poder. Por outro lado, muitos dos homens que encontraremos na obra, como também várias das personagens femininas do livro, se prendem cada vez mais às armadilhas do social e a continuarem dentro dos mecanismos e convenções normativas.

Seguindo o texto da obra, veremos que Gabriela tem uma preocupação, ou melhor dizendo, um cuidado em ser feliz com as coisas que ela realiza. Ela se ocupava com ela mesma e buscava construir sua própria felicidade. Quando a personagem chega à cidade de Ilhéus e quando Nacib a encontra, leva-a para trabalhar para ele, e logo se apaixona por ela. Dando início ao jogo amoroso dos dois, contudo, a personagem em nenhum desses momentos se mostra inconformada, pois ela escolheu tudo que estava lhe acontecendo.

Foi Gabriela que se dirigiu a Nacib e perguntou o que ele procura, ela que buscou os seus braços e mesmo quando ele decide casar com ela, depois dos seus amigos insistirem muito, pois ele não queria casar com uma pessoa que não tivesse uma boa família, ou que não fosse uma dama da sociedade, ela aceita casar, mas ela contesta as circunstâncias que ele impõe e que limitam sua existência.

A liberdade de Gabriela e o modo como conduziu e criou sua vida, causou estranhamento em toda sociedade de Ilhéus. Nacib, mesmo fazendo parte da pequena elite de Ilhéus, não conseguiu submeter Gabriela as suas necessidades. Ela não se submeteu aos padrões da sociedade, ela não se sujeitava aos costumes e afazeres que lhe eram impostos. O que importava pra ela era o amor de Nacib e não se ela era a esposa do grande comerciante da cidade.

A personagem também nunca sentiu a necessidade em adequar suas roupas as das mulheres da sociedade, sempre odiou usar sapatos e sandálias finas. Enfim, ela viveu da melhor maneira que lhe convinha, da forma que se sentisse melhor e mesmo amando Nacib, manteve relações sexuais com outros homens, pois, o desejo de satisfazer a si mesma era maior, o que resultou que Nacib tenha ficado com muita raiva, chegando a colocá-la pra fora de casa.

Ao delinear o esse olhar sobre Gabriela, indicamos outros horizontes conceituais para as discussões que envolvem o que Foucault denominou de estética da

existência. E modo mais amplo, compreendemos que pensar personagens da nossa literatura brasileira é pensar o nosso presente a partir de outros olhares, neste caso, o olhar literário, dentro de um espaço e tempo que nos é próximo. Esta discussão sobre modos de se conduzir nos lançam outros problemas, tais como que qual seriam a necessidade e a validade de pensarmos uma ética que abrangesse todos os indivíduos e comportamentos das pessoas em toda parte do planeta, visto as inúmeras formas de vidas e maneiras diferentes de viver? Entendemos que para pensar o comportamento e o modo de vida das pessoas, temos que pensá-las dentro das suas próprias conjunturas e das condições que a constituem e igualmente limitam.

Não vamos entrar em detalhes históricos e sociais como fontes e documentos, pelo fato de que não é esse o nosso campo de avaliação. Mas se observamos o contexto do Brasil no começo do século XX, de modo superficial, mas em concordância com vários historiadores e literatos, veremos que há um discurso amplo e multifacetado (sobretudo um discurso político) que traz a tona práticas para o desenvolvimento da cidade, a chegada do trem em várias cidades do Brasil, a expansão da energia elétrica, entre outros aspectos, mas também uma modernização de práticas sociais e o favorecimento para o surgimento de artistas e intelectuais que possibilitaram pensar o diferente. Fatores esses que acabam norteando o modo de vida dos indivíduos daquela localidade, fazendo com que os sujeitos ajam de determinada maneira e não de outra. Como acabamos de ver Gabriela, apesar de inserida nesse cenário de modernização aparece como contra-discurso, bem como ocorreu com Macunaíma e ocorrerá com Macabéa e João Grilo. Reiteramos, desse modo, que apesar de tratarmos separadamente os conceitos-imagem associados aos personagens literários, estes conceitos se relacionam intimamente na compreensão e na vivência da estética da existência.

Sobre Macabéa, a escrita de si e o alter ego

Nossa próxima discussão será sobre a obra *A Hora de Estrela* de Clarice Lispector¹³. Compreendemos que dentre todos os personagens que escolhemos essa talvez seja a mais complexa, considerando que cada obra possui suas próprias características e seus próprios conceitos, reconhecemos Macabéa como uma das

¹³ Clarice Lispector nasceu em Chechelnyk em 10 de dezembro de 1920, mas veio logo na sua infância para Rio de Janeiro e foi naturalizada brasileira. Passou grande parte da sua vida na cidade de Pernambuco. Veio a falecer em 9 de dezembro de 1977 e o seu livro *A Hora da Estrela* é um de seus últimos livros.

personagens que se apresenta como uma espécie de ruptura com as formas discursivas manifestas na modernidade literária brasileira. Como Gabriela, uma protagonista mulher e como Macunaíma, um negro silvícola, Macabéa revela sua quebra de padrões, rompendo os discursos hegemônicos, principalmente no que diz respeito à arte do devir e também de um anti-heroísmo¹⁴.

Macabéa é uma jovem nordestina, mais precisamente de Alagoas, que aos 19 anos se encontra no Rio de Janeiro. Órfã, mal se lembrava dos pais, que morreram quando ela era ainda criança, Macabéa é uma personagem triste, sozinha e de uma existência sedenta. Contudo, ela carrega uma das grandes marcas da estética da existência, a escrita si, ela manifesta uma existência consubstancial à existência da autora, esta, que jogando com as palavras, cria a existência da personagem como algo análogo a sua própria existência.

Convém mencionar que os conceitos-imagem, que vimos discutindo e fazendo dialogar com cada obra literária e com o pensamento foucaultiano, carregam a potência de serem contra-discursos, práticas de liberdade, e agora também podemos afirmar comportam uma escrita de si, isto é, cada uma das protagonistas aqui tratadas manifestam o modo de ser dos seus autores, são por assim dizer seu *alter ego*.

Macabéa constitui-se como escrita de si, principalmente, por ser uma espécie de *hupomnêmata*¹⁵. Não que a obra literária da Clarice seja um simples diário, ou uma narrativa de experiência espiritual, como tentações pessoais da autora, como um desabafo de suas lutas, sejam estas derrotas ou vitórias, antes se trata de uma escrita que manifesta um personagem que pôde se constituir a si mesmo, no jogo da trama discursiva¹⁶.

¹⁴ Com isso, podemos dizer que todos os personagens que tratamos são anti-heroicos. No sentido de que manifestam contra-discursos, opondo-se a um padrão de heroísmo que manifesta certa visão sobre a realidade e sobre a existência vivida por uma espécie de acomodação geral, tem como significado a manutenção de uma lei e uma ordem, manifesta a penetração recíproca dos grupos e das ideias hegemônicas do “mocinho” e dos finais felizes, em que a normalidade e a normatividade instituídas prevalecem a qualquer custo.

¹⁵ Segundo Foucault, os *hupomnêmata*, no sentido técnico, seriam as cadernetas individuais registros de contabilidade, mas em outro sentido também seriam a coleção de coisas lidas e ouvidas que funcionavam como matéria-prima para diversas formas de pensamento; as correspondências, uma escrita para ser enviada, um modo de manifestar a si mesmo para os outros, como as cartas; os cadernos íntimos, as anotações pessoais de experiências próprias exclusivamente para si, como os diários.

¹⁶ Sobre esse ponto, não queremos desvendar o que está oculto em cada um dos personagens que aqui estão sendo apresentados. Nem tão pouco olhar para as condições nas quais o personagem foi criado, mas olhar para o personagem e ver como ele se constitui a si próprio. Partindo da afirmação de que cada um deles tem como principal finalidade a constituição de si. Isso por que, segundo o autor, “por mais pessoais que sejam, esses *hupomnêmata* não devem, no entanto ser entendidos como diários, ou como narrativas de experiências espirituais (tentações, lutas, derrotas e vitórias) que poderão ser encontradas posteriormente na literatura cristã. Eles não constituem uma narrativa de si mesmo; não têm como objetivo esclarecer os *arcana conscientiae*, cuja confissão – oral ou escrita – tem valor de purificação. O movimento que eles procuram realizar é o inverso daquele: trata-se não de dizer o não dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito: reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com a finalidade que nada mais é que a constituição de si”.

Macabéa trata da atividade de se constituir como indivíduo, como sujeito, de estabelecer a relação que o indivíduo tem consigo mesmo da forma mais adequada possível. Através de Macabéa, Lispector manifesta o movimento de ir de encontro a uma cultura marcada por uma tradicionalidade discursiva que privilegia o sucesso e o bem estar futuro, negando por vezes a dor e o fracasso como elementos constitutivos da existência.

O exercício da escrita pessoal é a prática de liberdade do autor sobre si mesmo, uma vez que ela cria um corpo com o personagem, e este corpo não é um simples corpo de doutrina, mas de práticas de si. Macabéa manifesta esta prática de liberdade de si mesmo, ela é uma escrita de si. Macabéa cria sua própria existência como prática de si mesmo da sua autora.

Lembramos como Foucault¹⁷ que “tal é o objetivo dos *hupomnêmata*: fazer do recolhimento do logos fragmentário e transmitido pelo ensino, pela escuta ou pela leitura um meio para o estabelecimento de uma relação de si consigo mesmo tão adequada e perfeita quanto possível”. Isto é, a relação da personagem com a autora, e da autora com a personagem, é uma relação de si para consigo mesmo. Para melhor compreendermos esse movimento na obra de Lispector, basta observarmos quando a mesma se pronuncia sobre seu personagem, logo no começo do livro:

[...] Eu não inventei essa moça. Ela forçou dentro de mim a sua existência. Ela não era nem de longe débil mental, era à mercê e crente como uma idiota. A moça que pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome. Só eu a amo¹⁸.

Com isso, de acordo com as circunstâncias em que a autora apresenta o personagem, reconhecemos um modo de escrita feito por si, como um exercício pessoal. Concordamos com Foucault quando o mesmo afirma que a escrita constitui um corpo. Não como um corpo de doutrina, mas como um corpo livre, o qual através das suas práticas de liberdade deve-se poder criar sua própria existência, uma vez que a escrita transforma a personagem em “forças e em sangue”.

(FOUCAULT, Michel. «A Escrita de Si». In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos v. V: Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014, p. 145.)

¹⁷ FOUCAULT, Michel. «A Escrita de Si». In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos v. V: Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014, p. 146.

¹⁸ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998, p. 30.

Neste sentido, reconhecemos Macabéa como personagem e igualmente uma espécie de alter ego de Lispector, assim como Macunaíma é o de Mario de Andrade, Gabriela é o de Jorge Amado e João Grilo é o de Ariano Suassuna. O que denominamos aqui de alter ego é uma forma que a autora encontrou para manifestar seu eu por meio da sua personagem, ou ainda, podemos entendê-la como uma forma intencional da autora se revelar através de um múltiplo que aparece de diferentes formas no texto. Assim, compreendemos o alter ego, como um personagem alternativo de si próprio, ou um artifício do autor para se revelar ao leitor ou ainda ele pode ser entendido como uma representação da própria escritora.

Assim, a escrita de Lispector é uma trama discursiva, ela revela Macabéa por meio da fala da personagem, pelas injunções do narrador e, eventualmente, por meio dela mesma. Mas de fato, compreendemos, assim como Foucault¹⁹, que “escrever é, portanto, se mostrar, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro”. É colocar-se a si mesmo no papel, multifacetado, polifônico, como realizou a autora em um dos seus últimos romances.

À guisa de exemplificação, ainda que ao longo do livro em várias passagens possamos observar tais características, recordamos o momento em que o narrador, andando pela rua, observa severamente, com um olhar de desespero, uma jovem nordestina no meio da multidão, onde até então, desde o começo do livro, só estávamos vendo uma jovem lutando pela vida. Ao observamos a surpresa do narrador, a partir daí, nasce outra Macabéa, diferente da que vinha até então e que representa a miséria inerente a todos que estão ali parados olhando para aquele acidente inesperado, incluindo nós, leitores.

Em uma relação de amor e ódio, o alter ego de Lispector narra a vida dessa moça como tentativa de se livrar da sensação de mal-estar que ela representa e que o contagiava ao mesmo tempo em que se compadece e se revolta, inclusive se sentindo culpado por viver num padrão mais elevado que a maioria da população marginalizada. Dessa forma, a autora nos convida a olharmos para o outro, que não está dentro de um discurso padrão e hegemônico da nossa sociedade. Ela cria-se, revela-se, recria-se por meio de seu jogo de palavras e de sua escrita de si.

¹⁹ FOUCAULT, Michel. «A Escrita de Si». In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos v. V: Ética, Sexualidade e Política*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014, p. 152.

Por fim, dentre os conceitos-imagens e suas relações estabelecidas até o momento com a estética da existência, trataremos do personagem de Ariano Suassuna, chamado João Grilo²⁰. Análogo aos movimentos anteriores, abordaremos um aspecto do personagem da obra atribuindo-lhe a conotação de conceito-imagem, associando-o à nossa discussão de pensarmos a literatura como estética da existência.

Para começarmos, ao olharmos para a obra literária de Suassuna, duas características emergiram. Primeiramente, o fato de podermos considerar o cenário trazido na obra como uma heterotopia e depois considerar o personagem não mais como simples personagem, mas como autor de si. Estas características trazem singularidades, principalmente, no que diz respeito ao caráter popular do personagem e a imagem do cenário nordestino construído pelo autor.

A peça acontece no interior da Paraíba, e o cenário que se constrói na obra nos remete à compreensão de Foucault acerca da heterotopia, um lugar outro, um espaço em que ocorrem movimentos de deslocamento e de resistência. Um lugar que extrapola qualquer limitação funcional, pois comporta a multiplicidade de ideias e atitudes. O cenário da obra nos faz repensar o ambiente do Nordeste do Brasil em suas potências criativas, míticas, linguísticas, comportamentais, situando o sertão paraibano como fronteira de múltiplas linhas de fuga.

Assim, pensamos com Foucault a heterotopia como forma de resistência aos processos hegemônicos de assujeitamento. E neste ambiente, o autor consegue criar espaços absolutamente outros, colocando seus personagens nas situações mais inusitadas possíveis. Essa característica, da existência de contralugar, Foucault denominou de heterotopias, pois ela tem “como regra justapor em um lugar real vários espaços que normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. O teatro, que é uma heterotopia, perfaz no retângulo da cena toda uma série de lugares estranho [...]”²¹.

Posto isso, afirmamos que o contralugar existente na obra de Suassuna, não se trata de uma simples possibilidade de expor outros territórios, mas, de construir territórios outros. Conforme Foucault, a heterotopia é o desaparecimento do sentido

²⁰ João Grilo é personagem da tão conhecida obra chamada *O Auto da Compadecida* que foi escrito em 1955 por Ariano Suassuna. O autor nasceu em João Pessoa no ano de 1927, mas logo na infância se mudou para Pernambuco, cidade a qual permaneceu grande parte de sua vida. Veio a falecer em 2014 e se tornou um dramaturgo, romancista, ensaísta e um dos nossos poetas mais conhecidos.

²¹ FOUCAULT, Michel. *O Corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo, N-1 Edições, 2013, p. 24.

ordinário de um território concreto em vista da abertura de uma multiplicidade. Podemos afirmar que lançar, através da obra literária, o olhar para o sertão, para o subúrbio, para a cidade interiorana, para a mata, oportuniza que revitalizemos nosso olhar, nossa percepção de mundo, ampliando e deslocando noções e comportamentos.

Convém destacar que o personagem João Grilo tem o domínio da história em quase todos os momentos; ele influencia as decisões de outros personagens (o padre no enterro da cachorra, o cangaceiro na cena da morte, o julgamento pedindo a intercessão da compadecida). O vemos enganar seus superiores, a burguesia, o cangaço e até mesmo o diabo e nessas construções e estratégias linguísticas reconhecemos contra-discursos, oportunizados em territórios heterotópicos. Lembramos o momento em que a igreja do vilarejo se torna a sala de julgamento dos recém-mortos, é porta para o céu e para o inferno, onde transitam a Compadecida, o Diabo e um Jesus Cristo negro.

A obra literária pode nos conduzir, ou ao menos nos indicar a existência de lugares, discursos e imagens múltiplos. Como afirma Foucault a sociedade construiu seus próprios espaços, porém outros lugares, absolutamente diferentes são construídos dentro ou paralelos a esses espaços já determinados, e é para eles que precisamos lançar nossa atenção. O que acontece é que não conseguimos observá-los, muita das vezes por conta nossa submissão a determinadas relações de poder vigentes e hegemônicas na sociedade. Segundo Foucault²², “as heterotopias possuem um sistema de abertura e de fechamento que as isola em relação ao espaço dominante”. Neste sentido, a trama da obra, seus espaços e falas são heterotopia, e se relacionam com o modo de ser da estética da existência, uma vez que elas se colocam como contralugares como contradiscursos aos espaços e falas que se pretendem hegemônicos.

Como indicamos acerca dos outros personagens tratados, João Grilo também assume a proposta de que sejamos autores, enquanto indivíduos inseridos numa multiplicidade discursiva. Que possamos nos inventar no imediato ato da fala. Ser autor, sob a ótica foucaultiana, desempenhar uma função discursiva, resistir aos discursos que se mantiveram hegemônicos e nos silenciaram, enquanto nos deslocavam para a margem, construir rotas de fuga.

Macabéa, João Grilo, Gabriela e Macunaíma não são apenas personagens da ficção, são construtores de existência, exercem a função autor. Para melhor compreendermos a função autor, elaboramos uma pequena digressão, para abordar o

²² FOUCAULT, Michel. *O Corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo, N-1 Edições, 2013, p. 22.

pensamento de Foucault na obra “Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão”, na qual se manifestam diferentes discursos, tais como um conjunto notícias de jornais, uma série de testemunhos, laudas de interrogatórios, bem como laudos médicos, os quais tramam um jogo discursivo emblemático. O problema filosófico suscitado pela reflexão foucaultiana diz respeito a qual elemento constitui o jovem camponês francês Pierre Rivière como um “autor”? O fato do acusado de matricídio e fratricídio ter executado a sangue frio membros de sua própria família e de ter escrito um memorial acerca do acontecimento constitui uma importante relação entre corpo e linguagem, ou seja, encadeia uma junção entre acontecimento e escrita, que para Foucault manifesta o que ele compreende como a função discursiva do autor.

Segundo Foucault, o assassinato e a narrativa deste acontecimento são consubstanciais, no sentido de que tanto o seu corpo (manifesto no movimento de libertação dos impulsos corporais de Rivière frente a uma sociedade disciplinadora) quanto a sua escrita (a arma-discurso do jogo linguístico da qual se utiliza o personagem) constituem um único gesto denominado pelo filósofo de “autor”.

Vemos que para Foucault, Rivière é considerado um “autor”, enquanto função discursiva, por reunir, ao mesmo tempo, uma variedade de discursos, incluindo a própria fala do personagem em questão. O filósofo caracteriza a escrita de Rivière e o acontecimento em geral, como algo consubstancial, isto é, de modo que um não pode existir sem o outro. Rivière manifesta sua vontade na escrita, junto a ela se encontram outros discursos que se encadeiam e caracterizam o que o filósofo denominou de autor. De maneira análoga, embora distintas e distantes, como Rivière é um autor para Foucault, João Grilo igualmente se revela como um autor.

Por fim, ao afirmar que João Grilo assume uma função discursiva, bem como Macabéa, Gabriela e Macunaíma, reconhecemos que eles são autores de si mesmo, suas escritas são manifestações próprias que trazem em si suas características, colocam seus posicionamentos políticos, como também social, cultural, entre outras expressões próprias. São autores que legam para seus leitores a possibilidade da ocupação de lugares outros, da divulgação de contra-discursos. A literatura, portanto, se constitui como rota de fuga do circuito fechado da sociedade que doutrina, aprisiona, marginaliza, condena e mata o que e quem é diferente.

A tarefa está iniciada, porém, precisamos continuar pensando com Foucault a possibilidade da constituição de si por meio da criação literária, refletirmos como a partir de práticas de liberdade, de contradiscursos, de uma escrita de si, entre outros conceitos-

ideia, nasce à possibilidade de uma vida criativa e que resiste às diversas formas de controle e dominação. Em outras palavras, a busca continua em vista de compreender como a escrita literária constitui um “corpo”, não de doutrina, mas sim de práticas de si, que indica a literatura como possibilidade para a construção de uma estética da existência.

Referências bibliográficas

1. AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônica de uma cidade do interior*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
2. ANDRADE, Mario de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2013.
3. CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Rio de Janeiro, Rocco, 2006.
4. _____. *Diário de um Filósofo no Brasil*. Ijuí, Ed. Unijuí, 2013.
5. FOUCAULT, Michel. «Loucura, Literatura, Sociedade». En FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos v. I: problematização do sujeito*. Trad. Vera Lúcia Avelar Ribeiro. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2011.
6. _____. «A Escrita de Si». En FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos v. V: Ética, Sexualidade e Política*. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014.
7. _____. «A Ética do Cuidado de Si». En FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos v. V: Ética, Sexualidade, Política*. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014.
8. _____. «Uma estética da existência». En FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos v. V: Ética, Sexualidade e Política*. Trad. Elisa Monteiro; Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014.
9. _____. *O Corpo utópico, as heterotopias*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo, N-1 Edições, 2013.
10. LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
11. SUASSUNA, Ariano. *O auto da compadecida*. Rio de Janeiro, Agir, 2001.